

n.º 527



► **Mulheres de Abril**

Maria Eugénia Varela Gomes

► **Coimbra Capital da Cultura 2003**

Celebrações do 29.º aniversário do 25 Abril

referencial

Boletim da Associação 25 de Abril ■ Director: Pedro Pezarat Correia ■ Nº 70 ■ Janeiro – Março 2003

Defender a paz

Quem divide a Europa?
Equívocos de uma guerra no Iraque
Pezarat Correia
Pag. 3 e 14 a 16

Intervenção militar no Iraque?
D. Januário Torgal Ferreira
Pag. 19 a 21



Associação 25 de Abril



PP.REF



MULHERES DE ABRIL

Maria Eugénia Varela Gomes

MARIA MANUELA CRUZEIRO*

Por uma feliz coincidência, o início da colaboração do Centro de Documentação 25 de Abril com O REFERENCIAL verifica-se no mês de Março, mês tradicionalmente dedicado à mulher e ao mesmo tempo, mês que antecede a comemoração da data mais importante da nossa contemporaneidade: A Revolução de Abril de 74. Datas com profunda ligação entre si, pelos ideais de construção de uma democracia plena, só possível com cidadãos e cidadãs exigentes e solidários. Pensamos, pois, ser este um momento privilegiado para dar a conhecer aos mais novos, e recordar aos mais velhos, alguns perfis de mulheres que, em tempos hoje inimagináveis, deram o melhor de si a esse combate comum. Foram (são) Mulheres de Abril, mesmo antes de Abril o ser.

FILHA de várias gerações de militares, quer por parte do pai, quer por parte da mãe, contrariando o horror à política cultivado na família, descobriu por si própria a sua dimensão mais nobre e generosa: a preocupação com as pessoas, e, dentre estas, as mais desfavorecidas. Ou seja a dimensão solidária da política. Por ela desceu aos infernos dos bairros mais miseráveis de Lisboa (onde os operários vendiam o próprio sangue para pagar a renda da barraca que lhes servia de casa), forçou burocracias, escancarou portas para acompanhar e apoiar doentes e famílias no hospital de Santa Maria, fez seu o quotidiano dos operários qualificados da BP em Cabo Ruivo. Por onde passou, procurou pessoas, vítimas de injustiças e flagelações iníquas, inscreveu o seu nome na PIDE, pela recusa activa e militante em ser o que se pedia a uma assistente social, a "gota de óleo na engrenagem", teceu uma apertada malha de causas e de afectos que sempre a acompanhou, mesmo quando outras vezes a chamavam para uma outra frente de combate mais político, como aconteceu nas campanhas eleitorais de 1958, 1962, 1969 e 1973. Contudo nesta nova frente, mais visível e convidativa ao protagonismo, sempre deixou para outros (sempre muitos, sempre demais) esse estatuto, porfiando no seu combate discreto, mas eficaz.

Como assistente social, foi política, e como política, foi assistente social. São palavras suas que resumem todo um programa que o passar do tempo e o agravamento das condições do país, tornava mais exigente e impaciente, perante os fracassos acumulados da luta dos oposicionistas, particularmente dos militares, que apoiava e acompanhava de perto, lado a lado com o companheiro de uma vida: João Varela Gomes.

Quando este foi gravemente ferido naquela que ficou como última tentativa de derrube do regime, antes do 25 de Abril, o golpe de Beja de 1962, foi como Antígona que enfrentou sozinha a face mais terrível do regime fascista: a prepotência, a mentira, a cobardia, a desumanidade. Foi ainda como Antígona que iniciou o doloroso périplo pelas cadeias do fascismo, acusada de «tentativa de alteração da Constituição por rebelião à mão armada», ou seja, por participação activa no golpe. A desproporção da acusação convidava a uma recusa frontal, que a poderia livrar de ano e meio de prisão, restituindo-a à companhia dos quatro filhos pequenos, afastados também do pai, entretanto preso. Mas não foi esse o caminho. Gravou para si a única declaração que faria perante a PIDE e repetiu-a as vezes necessárias sem a mínima hesitação: «Não participei nem na preparação, nem no assalto ao Quartel de Beja. Não tive qualquer interferência, mas estou de alma e coração com o meu marido e os companheiros dele.»

As paredes de Caxias, saturadas de mensagens cifradas de tragédia sofrimento e heroicidade, guardaram de si a memória incisiva da coragem e do amor com que atravessou esses subterrâneos do tempo, passando o testemunho intacto a outros companheiros. Coragem e amor que perseguiu e reinventou num quotidiano de musgo e de renúncia, com estrelas secretas, resgatadas aos registos de lembranças felizes. Pequenas cintilações com que escondia as lágrimas de si própria, mas sobretudo dos carrascos, para os poder olhar cara a cara, imperturbável e desconcertante. Ela podia imaginar o terrível efeito desse olhar vazio de emoção que transformava o confronto entre a vítima e o carrasco, no decisivo encontro entre a fra-



queza dos fortes e a força dos fracos. Por isso, nunca lhe assentou a figura «da mãezinha ou da mulherzinha em lágrimas». Mãe Gena era (e é) o seu tratamento em família. É assim que o seu percurso singular se recorta a partir desse memorial de insubmissão e rebeldia, a par do mais profundo e comovente humanismo, intitulado Tempo de Resistência, do seu marido João Varela Gomes, que, da Penitenciária de Lisboa a 28 de Janeiro de 1962 lhe escrevia: «Agradeço-te a tua coragem que sei nunca faltará. Nem a dignidade. São qualidades que fazem parte de ti». Nunca faltaram, antes se acrescentaram, se enraizaram, por cada hora que passou do lado de lá do humano. Apenas alcançou a liberdade, à margem de qualquer lógica de cálculo ou de conveniência, e muito menos de renúncia, entregou o resto das suas energias à causa dos presos políticos, cuja tragédia, silenciada pelo poder fascista, jurou denunciar, antes de mais como imperativo de consciência. Infatigável, mobilizou de novo vontades, lançando as bases da futura Comissão de Socorro aos Presos Políticos. Foi assim até ao 25 de Abril, que ela apenas pôde festejar a 26, com a saída dos presos de Caxias. Foi o dia mais feliz de uma vida, cujo esquecimento adensa o silêncio sobre o que de melhor temos para contrapor ao quotidiano amargo e medíocre de hoje, tão contrário à alegria gregária do país renovado de há vinte e nove anos, que Mãe Gena / Mãe Coragem ajudou a construir. ■

*Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra